O oco e o homem

Larissa Marques

a Fransérgio Araújo, Charles-Pierre Baudelaire, Euclides da Cunha, Isidore Ducasse e Jim Morrison, e a todos que me fazem encontrar quem eu sou.

A (RE)SIGNIFICAÇÃO DO ÓBVIO

‘Sou bagaceira
Que inflama.'

... palavras da própria musa, a minha.

Larissa é confronto, é a palavra que para mim (que frequentemente piso em solo movediço) não só ressoa, corta. Profunda a troca lírica por aqui – catarse; não difusa, pois coerente, a poeta é ‘cientista’ no que tange a essência humana, é desbravadora do negro d'alma, do claro enigma que nos habita, afoga e nos aflige; qual artesã, remodela o óbvio. Tem na escrita a clarividência, sem engasgo, sem firulas, limpa de maneirismos. No tecer a sua poesia, respinga signos que reelaboram o que mais tarde, pós-leitura, já nem mais é aquilo, já é outro, re-significando o pensamento. O homem que se quer livre 'vomita Euclides da

Cunha' é 'como se fosse o único a ver, a sentir, amar e perder'. Acha-se mito. E é onde se engana.
Larissa é simbolista, modernista, dizem que Balzaquiana, mãe, afogada como ‘eu-poeta’ pela repetição em eco do comum das coisas - brasileira; todavia, consternada frente ao marasmo da existência, do mundo como embuste, do homem como um câncer, como máquina sensual (objeto de transcendência), prostituído, a poeta é precavida contra o ‘lirismo que não é libertação’. Atéia (até que se prove o contrário), o s'eu-lírico se confunde, em transe, com Alphonsos de Guimarães (sem a pompa), Baudelaire (aqui, com semelhanças profundas), com Jim, o Morrison - e tem o 'peito gentil que acolhe o estrangeiro quase num vôo cego de olhos revirados'.
E nem tem pena de si mesma, a Larissa, poeta. E nem adorna o seu discurso, segue seca, bruta, espasmática. C’o signo versa o seu espanto, sua trágica imagística, escreve em

cuspe. O projeto é tapa.

'e há quem diga
que é um baseado
ou que é heroína
mas ele encena'

No atual panorama da literatura brasileira, onde a poesia se estabelece engessada em arabescos e esvaziada de convicções, a poética da moça ‘chama para o lado oposto’.
Faz-se relevante.
E Larissa encena, em transe, a trágica história de nós mesmos, e é tudo cíclico, esférico, quando matéria de sua poesia. Daí seu grito atestar a pequenez, a insignificância, o sensual 'de quem quer penetrar' o corpo, como homem, como chama.
Com os aparatos semântico-sintático-emotivos (essenciais ao que se pretende poesia) ela (re)modela o que, intrínseco em nós, é obsessão pelo Belo. Infunde em versos dotados

de sensualidade (a casa do homem/com sua alma liberta/sangue fervilha, intenta/sexo altivo e cativo) e inventivos (nos olhos de calos), alta carga de erotismo, sem esbarrar no boçal, no clichê, no óbvio, pois que sua poesia segue fluente, ora frenética (meta-fluxo), sobremaneira esplêndida.

Os versos d'Oco não mancam, e nem nascem da pena do aleijão. Seus atributos, caro leitor, quiçá falarão por si só; bastam lidos.

E a poeta estava disposta a 'pagar o preço' quando se propôs ao espasmo pleno, convicto, da entrega lírica - como boa artesã do caos. Sua retina a tudo absorve e nos conta, sem intervalos, posto que seu ímpeto primeiro conflui em conformidade com seu espírito. A libido, o constrangimento, o falo, a carne, a textura da pele, o cheiro acre do suor e a entrega em gozo, são o que se configura como matéria de transcendência aqui. Tudo escorre, qual pus, e sem cerimônias, é tudo justo. E épico.

Certa feita, disse o poeta Ferreira Gullar, referindo-se a sua dificuldade de gravar tudo o que lê: "esta é uma característica dos poetas, que só se lembram daquilo que os comove".

E me lembro de tudo. – Muryel de Zoppa